

**Glucia Wesselovicz  
Janaina Cazini  
(Organizadoras)**

# **Diálogos sobre Inclusão 3**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Glaucia Wesselovicz**  
**Janaina Cazini**  
(Organizadoras)

# **Diálogos sobre Inclusão 3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D536	Diálogos sobre inclusão 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-364-4 DOI 10.22533/at.ed.644192805  1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série.  CDD 361.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” no volume III, organizou, na ótica da educação inclusiva, 22 artigos de cunho teórico-prático, metodologias de ensino e aprendizagem, que visam incluir pessoas, que são de alguma forma, excluídas da sociedade devido sua deficiência, gênero, raça ou etnia.

Pois entendemos, e fica provado pelas pesquisas aqui apresentadas, que é na sala de aula no ambiente escolar que o terreno se mostra fértil para sensibilizar a sociedade sobre o respeito e a responsabilidade de todos quando o assunto é diversidade e inclusão social.

Contudo, no grupo de estudos sobre pessoas com surdez, observa-se que apesar da obrigatoriedade legal que assegura a criança surda o direito de uma educação especializada que a alfabetize nas duas línguas -português e LIBRAS - a partir das salas de atendimento especializado, na prática não acontece e depende do educador a responsabilidade de todo o processo.

Já para os grupos de pessoas com altas habilidades e etnicorraciais os projetos pedagógicos e interdisciplinares conseguem atingir resultados que impactam não só a sala de aula como a comunidade local.

Percebe-se que o caminho para inclusão social- especialmente de pessoas com deficiência - é longo e deve começar de forma incisiva nos bancos escolares. E por isso esta coletânea torna-se um instrumento de alerta, só nos tornamos uma sociedade inclusiva quando todas as nossas crianças conseguirem chegar em suas escolas e entenderem a linguagem que o professor está falando.

Nós esperamos que os artigos escolhidos possam nortear todos os leitores em seus projetos educacionais, sociais e profissionais e estimular a sociedade a olhar para a inclusão como uma ação de responsabilidade individual, coletiva e globalizada.

Glaucia Wesselovicz

Janaína Cazini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO INCLUSIVO: CONTAGEO E ADAPTAÇÃO DE LIVROS INFANTIS PARA DEFICIENTES VISUAIS	
Francisca Nailene Soares Vieira Martha Milene Fontenelle Carvalho Francisca Raquel Miguel de Sousa Rosane Santos Gueudeville Acreciana de Sousa Melo Fernanda Maria da Silva Cardeal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Mirtes Aparecida Almeida Sousa Dorivaldo Alves Salustiano Eliane Fernandes Gadelha Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL	
Joel Nunes De Farias Luandson Luis Da Silva Hosana Souza de Farias Nadjeana Ramalho da Silva Samilly dos Santos Bernardo Luis Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Elenith Jussiêr de Lima Silva Ivanildo Severino da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA A VIDA DO PORTADOR DE SÍNDROME: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Estoécio Luiz do Carmo Júnior Rosélia Maria de Sousa Santos Brenda Oliveira Ferreira da Silva Adriana Silvino de Araújo Emanuel Heliomar Medeiros de Sousa José Ozildo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928054</b>	

<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM DUAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DA REDE MUNICIPAL DE CRATO	
Daniela Valdevino Lima	
Luiza Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Acreciana de Sousa Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
A INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS AMPUTADOS POR MEIO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA	
Thais Vinciprova Chiesse de Andrade	
Kelly Silva Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
ACOMPANHAMENTO NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE COMPORTAMENTO	
Bianca Cristina Leal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
ALUNA DE BAIXA VISÃO NA DISCIPLINA DE LIBRAS COM MEDIAÇÃO DO INTÉRPRETE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lana Carol de Sousa Martins	
Luana Fernandes Magalhães	
Sarah Maria Oliveira	
Terezinha Teixeira Joca	
Marilene Calderaro Munguba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS IFS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES ATENDIDOS PELO NAPNE DO IFS/CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO	
Laila Gardênia Viana Silva	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Maria Aparecida da Conceição Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6441928059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>88</b>
CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA NA COMUNIDADE CIDADE DE DEUS	
Carlos Alberto Da Silva Sant'Anna	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280510</b>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>99</b>
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Andrialex William da Silva	
Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães	
Tarcileide Maria Costa Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>109</b>
DIFICULDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA COM ALUNOS ESPECIAIS -OBSERVAÇÃO EM UMA SALA DE AULA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PARAÍBA	
Manuela Patrício Menezes	
Franciely Silva Apolinário	
Maria José Guerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>118</b>
DISCUSSÕES SOBRE A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Luiza Valdevino Lima	
Daniela Valdevino Lima	
Geórgia Maria de Alencar Maia	
Valquíria Carneiro da Silva	
Cássia da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>126</b>
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA DE UM ALUNO COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO	
Fabyana Soares de Oliveira	
Ana Aparecida Tavares da Silveira	
Sára Maria Pinheiro Peixoto	
Marcilene França da Silva Tabosa	
Maria Aparecida Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>133</b>
HIPÓXIA NEONATAL E A EXPERIÊNCIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>140</b>
LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gilvânia Maurício Dias de Pontes	
Lucineide Cruz Araújo	
Natália Medeiros de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280516</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>151</b>
O ENSINO DE ARTES COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES	
Fabiane Cristina Favarelli Navega	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>160</b>
O TRATO DA QUESTÃO ÉTNICORRACIAL NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE SOBRE O INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE	
Raquel de Oliveira Mendes	
Rodrigo Bozi Ferrete	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>172</b>
O USO DA BIOMECÂNICA E ANATOMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ESCOLA DA ZONA RURAL DO CARIRI PARAIBANO	
Breno de Sousa Moreira	
Diego Gomes da Silva	
Aellyson Cordeiro de Melo	
Washington Almeida Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>183</b>
SABERES E PRÁTICAS EM ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Artur José Braga de Mendonça	
Izabeli Sales Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280520</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>194</b>
SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE CINEBIOGRAFIAS: O CASO DA SUPERDOTAÇÃO DO MATEMÁTICO RAMANUJAN	
Clemir Queiroga de Carvalho Rocha	
Vicente Francisco de Sousa Neto	
Vera Borges de Sá	
Denise Maria de Matos Pereira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280521</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>203</b>
UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: QUANDO O FATOR LIMITANTE SE TRANSFORMA EM FATOR MOTIVACIONAL DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	
Fabio Damasceno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64419280522</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>211</b>

## LINGUAGENS ARTÍSTICAS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Gilvânia Maurício Dias de Pontes**  
(NEI/CAp/UFRN) - Natal/RN

**Lucineide Cruz Araújo**  
(NEI/CAp/UFRN) – Natal/RN

**Natália Medeiros de Oliveira**  
(UFRN) - Natal/RN

**RESUMO:** O texto trata da participação de crianças com necessidades educativas especiais em um projeto de trabalho com as linguagens das Artes Visuais – pintura, fotografia e desenho. O projeto foi desenvolvido em uma turma 3 do Núcleo de Educação da Infância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – contando a participação de duas professoras, três bolsistas e 22 crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos. Discute-se a construção de práticas pedagógicas em Artes Visuais que observem as crianças como protagonistas da organização de projetos pedagógicos na Educação Infantil. A partir da narrativa reflexionada das experiências vivenciadas com as crianças em torno dos temas Flores e Linguagem fotográfica, observa-se como se deu a participação das crianças com necessidades educativas especiais nas experiências propostas ao grupo. No tema flores abordou-se a obra de Van Gogh e Monet para responder a questões lançadas pelas crianças sobre as flores. Foi possível propiciar

situações de leitura e produção de imagens às crianças nas linguagens do desenho e da pintura. Esse tema foi abordado durante um bimestre e, em continuidade a ele, observou-se que na contextualização da obra de Monet as crianças interessaram-se, também, pela fotografia, observada em materiais de pesquisa sobre o pintor. Diante dessa constatação, as professoras da sala, propuseram às estudantes, participantes do Projeto de Extensão “Artes Visuais na Educação Infantil: formação de mediadores na escola da infância”, a organização de um processo de intervenção cujo objetivo era o desenvolvimento da linguagem fotográfica com as crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão; Educação Infantil, Artes Visuais.

**ABSTRACT:** The text is about the participation of children with special educational needs in a work project with Visual Arts languages - painting, photography and drawing. The project was developed in group 3 from the Childhood Education Center of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) - with the participation of two female teachers, three scholarship students and 22 children aged between 4 and 5 years old. We discuss the construction of pedagogical practices in Visual Arts which consider children protagonists of the organization of pedagogical projects in Early Childhood Education. From the

reflective narrative of the experiences lived with children around the themes Flowers and Photographic Language, it was observed the participation of children with special educational needs in the experiences proposed to the group. In the flowers theme, the work of Van Gogh and Monet was approached to answer questions posed by children about flowers. It was possible to provide situations for reading and producing images to children in drawing and painting languages. This theme was approached during a two-month period and, along with it, it was observed that in the contextualization of Monet's work the children were also interested in photography, observed in research materials about the painter. In light of this observation, the class teachers proposed to the students, participants in the Extension Project "Visual Arts in Early Childhood: training mediators in the childhood school", the organization of an intervention process whose objective was the development of the photographic language with children.

**KEYWORDS:** Inclusion; Early Childhood Education, Visual Arts.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo relata algumas das vivências propostas às crianças da Turma 3 do NEI/CAP/UFRN no campo das Artes Visuais. Esse processo envolveu experiências nas quais as crianças tiveram contato com os instrumentos necessários a produção de imagens fotográficas, como celulares e câmeras; conheceram um pouco da história da fotografia, através do estudo contextualizado da obra de Monet e do manuseio de câmeras antigas; vivenciaram experiências de escolha e enquadramento de imagens, expressando o que viram através de desenhos; manusearam câmeras para fotografar detalhes do ambiente escolar, especialmente os espaços abertos como jardins e parques; exerceram a leitura de imagens da arte para representarem personagens da obra de Monet e fotografarem uns aos outros. Ao final do projeto, professoras, bolsistas e crianças organizaram exposição "Olhares: fotos e desenhos da turma 3", aberta a comunidade escolar e outros interessados.

Para organização desse projeto utilizou-se como referência a Abordagem Triangular (BARBOSA, 2009), estudos sobre leitura e construção do olhar sensível (PILLAR, 2014), estudos sobre a concepção de experiência estética (DEWEY, 2010); estudos sobre as linguagens artísticas no currículo da Educação Infantil (PONTES, 2001) e a organização de experiências estéticas com crianças (PONTES, 2013); fotografia como linguagem e inclusão (ALVES, 2002).

Com esse tema foi possível observar a interação das crianças com as linguagens das artes visuais, assim como as relações que estabeleceram com as imagens em momentos de leitura e produção de pinturas, desenhos e fotografias. Nesse movimento as crianças com necessidades educacionais especiais atuaram como sujeitos das experiências e produziram suas imagens, tendo respeitadas suas singularidades e possibilidades de expressão.

## 2 | ARTES VISUAIS E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O *Referencial curricular nacional para a educação infantil- RCNEI* (BRASIL, 1998) propõe alguns eixos do trabalho pedagógico no que diz respeito à educação de crianças na faixa etária dos 0 a 6 anos de idade. Dentre os objetivos desta fase, o documento ressalta a importância do ensino/aprendizagem das diferentes linguagens inseridas em diversos tipos de situações de comunicação e expressão, de modo que o educando possa compreender e ser compreendido, contribuindo diretamente para a construção de seu conhecimento. Dessa forma, podemos perceber que a Arte em suas linguagens é um importante campo de conhecimento na educação infantil, promovendo o desenvolvimento da consciência crítica e autonomia, além de potencializar a capacidade expressiva da criança possibilitando que possa se colocar como sujeito leitor e produtor de linguagens. Mas, para tanto, cabe ao professor proporcionar vivências, pedagogicamente significativas, nas quais as crianças tenham oportunidade de entrar em contato com as várias dimensões do campo da arte, como a música, o teatro, a dança, e as artes visuais.

Esses objetivos gerais, referendados no RCNEI são válidos também quando nos referimos à inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais (NEE) na educação infantil. Em conformidade com Bruno (2006), não há um currículo especial, porém, algumas alterações e adaptações devem ser realizadas no que diz respeito à metodologia, conteúdo e objetivos específicos, de modo que o processo didático proporcione o desenvolvimento da aprendizagem e a participação ativa dessas crianças nas mais variadas práticas sociais.

A educação inclusiva utiliza estratégias diferenciadas de ensino, complementando e modificando o planejamento curricular de acordo com as necessidades de aprendizagem das crianças, levando em consideração seu contexto sociocultural, bem como seus conhecimentos prévios, suas habilidades e possibilidades. Conhecer as dificuldades do educando também é algo fundamental, visto que poderão ser pensadas novas atividades e desafios que permitam seu progresso cognitivo, socioafetivo e comunicacional (BRUNO, 2006).

Oliveira (2011) ressalta:

A efetiva operacionalização das necessárias mudanças no cotidiano escolar para o atendimento das crianças com necessidades educacionais especiais em creches e pré-escolas parte de duas considerações: a de que todas as crianças, sem exceção, têm eficiências e deficiências em suas formas de se relacionar com o mundo e a de que devemos trabalhar para a ampliação de suas eficiências. Com isso se procura garantir ocasiões de múltiplas interações nos ambientes das creches e pré-escolas, não excluindo de forma alguma a criança com necessidades educacionais especiais, de modo que todas as crianças tenham a oportunidade de aprender com as contribuições de cada um de seus colegas, em uma relação de alteridade. (OLIVEIRA, 2011, p. 256)

Diante do exposto, destaca-se que a convivência enriquece o processo de aprendizagem, tanto para as crianças com NEE, como para aqueles que interagem

com elas. Segundo Oliveira (2011), educar para a cidadania envolve conhecer a realidade do outro, trocar experiências e formar atitudes solidárias, descobrindo seus próprios direitos e deveres, bem como os direitos e deveres do outro. Sendo assim, a educação inclusiva é uma importante dimensão do trabalho docente para o combate à intolerância, desvelando preconceitos e cultivando o conhecimento com base no respeito às diferenças de cada um.

Portanto, como qualquer outro educando, é preciso que a criança com necessidades educativas especiais tenha acesso às formas de linguagem já citadas anteriormente. De acordo com Pontes (2001), na educação infantil, o campo de conhecimento da Arte pode ser observado em seus usos de linguagem, que possibilitam a expressão e comunicação de pensamentos/sentimentos, e como uma área com conhecimentos específicos culturalmente construídos, aos quais a crianças pode ter acesso contando com a mediação do professor. Os componentes curriculares da área de Artes possuem função expressiva e comunicativa, assim como estruturas específicas que os distinguem dos componentes de outros campos de conhecimento. Por isso, para falar sobre artes na educação infantil se faz necessário observar as demandas específicas do desenvolvimento expressivo das crianças, o seu repertório cultural e o repertório cultural ao qual podem ter acesso.

Corroborando com Freire (2011), antes de aprendermos a ler signos e palavras, nossa primeira leitura é voltada para o mundo e nossas próprias relações com ele. O educando está, desde cedo, cercado por visualidade e práticas culturais, ele interage com o meio e com o outro todo o tempo. Dessa forma, seu repertório é construído e ressignificado, de modo que ele passa a compreender a realidade ao seu redor e a si mesmo como parte dessa realidade, atuando como produtor de cultura. Nesse diálogo como o entorno, a criança lê e atribui sentido para o mundo. Concordando com Freire, Pontes (2001), acrescenta que:

O processo de elaboração desse repertório passa, contudo, pela capacidade de representar a realidade através de linguagens. A compreensão de linguagens e a construção de possibilidades de comunicação e expressão acontecem no exercício prazeroso dessas ações, isto é, as crianças aprendem a realidade e atribuem a ela significados quando atuam ludicamente como leitores e produtores de representações. (PONTES, 2001, p. 120)

Ainda segundo a autora, com o objetivo de ampliar o repertório de linguagens e as possibilidades expressivas da criança, o professor deve articular mediações promovam o acesso e instiguem leituras às mais variadas formas de imagens e representações.

A organização de situações de mediação é o desafio com o qual se depara o professor de Educação Infantil na abordagem das linguagens artísticas como crianças. Partindo do princípio de que as crianças são singulares e já possuem experiências de leituras de mundo, ao professor é fundamental retomar essas experiências anteriores quando da organização de situações de aprendizagem da arte, assim também deve

ocorrer com as crianças com NEE, que, como qualquer outra criança, é leitora de mundo e leitora de imagens. Mas, a leitura de cada criança é singular como também o é o sentido que atribuem ao seu contato com imagens, sejam elas do cotidiano ou do repertório artístico.

De acordo com Pillar (2014), a leitura que fazemos nunca será a mesma de outra pessoa, pois o significado que atribuímos perpassa toda nossa experiência de vida, o modo como vemos o mundo e nossas relações, bem como nosso contexto histórico e sociocultural. Assim é preciso considerar as especificidades de cada criança quando da leitura de imagens e produção em linguagens artísticas. As crianças como NEE também trazem experiências e atuam para significar objetos, imagens e situações aos quais estão expostas cabendo ao professor observar como ocorre a interação dessas crianças nas experiências propostas.

Na organização do projeto com a linguagem fotográfica, que sucedeu ao Tema de Pesquisa Flores, práticas que originaram esse trabalho, tomou-se como referência para organização das situações de aprendizagem a Abordagem Triangular para o ensino da Arte (BARBOSA, 2009). Tal abordagem defende que a aproximação aos conhecimentos do campo da Arte pode ocorrer pela articulação de três ações, que interagem e se complementam como um movimento de ziguezague: ler/contextualizar/fazer/contextualizar/ler/fazer/contextualizar/fazer/ler. Esse desencadeamento de ações como em um sistema envolve a criança como um todo articulando, a todo o momento, cognição e emoção para significar os objetos de conhecimento da Arte.

Outra referência que permeou a construção das situações de aprendizagens foi a de experiência educativa e experiência estética em Dewey (2010a; 2010b). Para esse autor o que caracteriza a experiência educativa é a possibilidade de que uma experiência se desdobre em outras, configurando uma continuidade de experiências que possibilitam ao sujeito diferentes aprendizados. A dimensão estética da experiência diz respeito à observação dos desdobramentos e completude de uma experiência. Uma experiência para ser educativa precisa chegar a uma conclusão e, para tanto, demanda que o ser que atua em experiência esteja apreciando o que faz no momento mesmo em que realiza a ação sobre o objeto e situações. A dimensão estética faz parte da vida cotidiana, visto que permeia a construção de experiências com diferentes intencionalidades e, mais especificamente, faz parte da produção e apreciação da Arte.

Outro aspecto a ser ressaltado, quando se trata de experiência estética é que ela ocorre integrada a vida e a cultura, isto é não acontece sem que se tenha em sua estruturação a inter-relação entre a formação e inserção cultural do sujeito que atua produzindo e sofrendo a experiência. Portanto ao organizar as situações de aprendizagens das linguagens das Artes Visuais o professor deve estar atento ao repertório de vivências culturais das crianças e o repertório ao qual elas podem ter acesso.

O sujeito atua enquanto sofre a experiência, isso significa que há transformação

enquanto a criança age sobre e para conhecer algo. Essa transformação, também, configura o caráter educativo da experiência. A criança ao agir nas situações também aprecia o que está fazendo e se transforma. Assim a criança, em contato com o mundo de forma significativa, o faz de corpo inteiro acionado todos os sentidos para conhecer o mundo que a rodeia.

### **3 | PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: ARTE/INCLUSÃO**

O desejo de trabalhar a linguagem fotográfica com as crianças da turma 3 decorre da observação de que seria possível dar continuidade às experiências vivenciadas pelas crianças durante o desenvolvimento do estudo sobre Flores. No trabalho sobre Flores uma das questões que desencadearam as situações de aprendizagem dizia respeito a conhecer e nomear os tipos de flores existentes nos jardins da escola. Para tanto as crianças caminharam pelos espaços da escola observando flores e coletando algumas amostras para serem analisadas, em grupo, na sala de referência. Para as crianças com NEE esse trajeto pelo entorno da escola foi realizado, ora com a aproximação de uma das professoras, ora com o auxílio de outras crianças, organizadas em duplas ou em trios. Após a caminhada, e coleta, as flores eram observadas e comparadas na sala de referência, as crianças com NEE foram solicitadas a tocar e selecionar flores, sozinhas ou com o auxílio dos colegas. A mediação ocorreu desencadeada pela apresentação das flores para o grupo e se estruturou na interação das crianças com as imagens de seu cotidiano - jardins da escola -, com o diálogo com as professoras e colegas para leitura das imagens do cotidiano.

Nos primeiros contatos das crianças com as flores da escola foi percebida a necessidade de conversar com o jardineiro para esclarecimentos sobre os tipos de flores e seu cultivo. Foi organizado outro momento de observação do jardim, contando com a mediação do jardineiro. Além da observação, em outro dia, o jardineiro foi entrevistado pelas crianças na sala de referência. A organização em roda permitiu que todas as crianças participassem da entrevista, mas algumas crianças preferiram ficar em outro espaço da sala, olhando de longe, entre elas, algumas crianças com NEE. Foi preciso observar e respeitar esse movimento corporal que não significava que as crianças estivessem alheias ao tema, apenas que algumas não conseguiam estar no grupo diante de uma pessoa que não vinha habitualmente à sala.

Para algumas crianças, especialmente aquelas que ainda necessitavam auxílio para oralizar o que estavam aprendendo, organizou-se pranchas com imagens e nome de flores. Essas pranchas foram utilizadas na sala de referência pelas professoras e entregues aos familiares para que o contato da criança com imagens e escrita continuassem em casa.

Em relação às atividades de registros, é importante destacar que, no caso das crianças com NEE, sempre que era feito uma atividade em sala e outra parecida

era enviada para casa, com as orientações para uma mediação eficaz do adulto responsável. Essa atividade era bem detalhada e como orientações bem direcionadas aos responsáveis para favorecer o acompanhamento da criança nessa situação de aprendizagem.

Também fez parte do estudo sobre flores o contato com imagens de flores produzidas por artistas: Van Gogh e Claude Monet. Essas imagens foram apresentadas às crianças de forma física – imagens fixas de reproduções das pinturas dos referidos artistas e imagens em movimento – pequenas animações sobre a obra de Van Gogh e Monet. Com as crianças com NEE foi preciso estar mais próximo quando da apreciação das imagens fixas, ficando perto das crianças quando da observação da imagem, desafiando a observar aspectos diferentes da composição das obras. No caso da apreciação das imagens móveis também foi necessário acompanhar as crianças, mesmo que somente observando sua interação com os vídeos.

Ao grupo foram apresentados vídeos da série Museu de Massinha – Van Gogh e Monet, assim como vídeos antigos que apresentavam Monet pintando em seu jardim em Giverny – França.

As imagens antigas de Monet, assim como sua produção em caricaturas, realizado por esse artista, despertou o interesse das crianças pela temática da fotografia. Como afirma Dewey (2010a) uma experiência educativa está preñe de outras experiências e assim se deu a continuidade de experiências de leitura e produção de imagens do tema flores para o tema fotografia. O tema fotografia foi desenvolvido com a participação das bolsistas do projeto de extensão “Artes Visuais na Educação Infantil: formação de mediadores na escola da infância”, coordenado pela professora Gilvânia Pontes, que também era uma das professoras da turma 3. A imersão de estudantes, dos Cursos de Graduação em Artes Visuais e Comunicação Social, nas turmas de Educação Infantil é um dos objetivos do referido projeto de extensão. As bolsistas participaram, com a orientação da coordenadora do projeto e professoras da turma, do planejamento, organização de situações de aprendizagem, intervenção junto às crianças, registro e avaliação das situações e organização de textos para apresentação em congressos científicos.

Para o trabalho com fotografia, inicialmente, houve a leitura de fotografias produzidas pelas crianças, com câmera, sem a intervenção das professoras. Imagens que ficaram desfocadas, com dedos na lente ou partes do corpo cortadas. O primeiro desafio seria descobrir o porquê as imagens assim se apresentavam. Nesse momento, ao mesmo tempo em que havia a leitura, as bolsistas e professoras registravam o que as crianças já sabiam e desejavam saber sobre a linguagem fotográfica. Com essa observação e registro percebeu-se que as crianças conheciam o manuseio do celular para fotografar, mas não tinha experiências com as câmeras fotográficas.

Nos encontros seguintes as bolsistas e professoras apresentaram às crianças câmeras, filmes e fotos antigas, conversando com elas sobre a história da fotografia. As crianças, entre elas àquelas com NEE, manusearam o material com entusiasmo



e interagiram entre si para conhecer os equipamentos e imagens que foram disponibilizados.

As experiências que se seguiram trataram da diferenciação entre fotografia e pintura, retrato e caricatura, caricatura e retrato. Nesses momentos, também, ocorreu a participação das crianças com NEE, sem que lhes fosse exigido saber, exatamente, definir tais diferenciações.

Estavam presentes, vivenciando as situações, interagindo com as imagens, com os adultos e crianças para conhecer tais representações, mesmo que ao desenhar algumas fugissem do tema.

Das situações de leitura e diferenciação entre imagens, o grupo passou a ser desafiado a exercer o “enquadramento” para produção de novas imagens. Para que as crianças descobrissem o que queriam fotografar e o que deixariam de fora foram organizados jogos de enquadramento em que as crianças, utilizando uma palheta de papel cartão, caminhavam pela escola capturando imagens, que seriam representadas em seus desenhos. Ressaltamos o envolvimento das crianças com NEE nessa situação de aprendizagem, vivenciando com o grupo as ações de procurar e selecionar imagens através do enquadramento. Algumas falando sobre o que estavam observando, outras apenas atuando atentamente.

Após a experiência com o enquadramento, as crianças, em grupo, passaram a percorrer a escola para produzir fotografias de paisagens, quase todas realizaram essa produção sem o auxílio dos adultos, que participaram da experiência acompanhando os grupos e passando a câmera para que todas as crianças pudessem produzir a sua foto. As crianças com NEE seguiram as demais participando da experiência como integrantes dos grupos, sendo auxiliadas por outras crianças, quando necessário.

Desse modo, julgamos fundamental a adaptação do contexto escolar para que de fato possamos analisar as posições que a criança ocupa em relação ao outro, nas interações que estabelece em várias atividades e brincadeiras que acontecem nesses espaços.

Na experiência, que se seguiu a produção de fotografias de paisagens, as crianças assumiram personagens de cenas pintadas por Monet para que outra criança a fotografasse, construindo retratos. Para tanto houve, antes da ação de fotografar, a leitura do quadro “O passeio” ou “Mulher com sombrinha” (Monet), observando o figurino e posicionamentos dos personagens na cena. As meninas se vestiram como a dama representada no quadro e pousaram para que os meninos as fotografassem. Para os retratos dos meninos, foram escolhidas as imagens dos vídeos em que Monet aparece pintando em seu jardim. Os meninos e as meninas providenciaram os figurinos com ajuda das famílias, trouxeram para escola; encenaram as situações representadas por Monet, para que estas se transformassem em retratos produzidos pelos colegas.

Durante o projeto de fotografia foram produzidas imagens em diferentes linguagens, fotografia, desenho, jogos teatrais para construir performances dos

personagens das obras. Essa produção se constituiu em material para experiências de leituras de imagens do grupo de crianças, sob a mediação de professoras e bolsistas. Ao final houve a seleção de imagens para organização da exposição “Olhares: desenhos e fotografias da turma 3”. Na organização da exposição, as crianças participaram da curadoria (escolha das imagens e montagem da exposição), da monitoria – atuaram como mediadores, explicando ao público do que se tratava o trabalho. Nesses momentos, percebeu-se que as crianças com NEE, interagiram ajudando a colocar as imagens no espaço em que seria a exposição e, no dia da exposição, algumas apontavam para o público onde estavam as fotografias em que apareciam. Outras, no entanto, participaram da montagem da exposição, mas não se dispuseram a interagir com o público, tendo sido respeitado essas suas peculiaridades.

As escolas são ambientes coletivos, onde devem se desenvolver práticas de educação e cuidado que contribuam para a formação e a aprendizagem da criança, com vistas ao seu desenvolvimento; e as crianças são diferentes e singulares na sua constituição física, biológica, cognitiva, familiar, religiosa, econômica, etc., e, por isso, desenvolvem hábitos, costumes e valores diferentes umas das outras.

Nesse processo contínuo de ensino e aprendizagem, Brasil (2008), aponta a escola, como instituição que legitima a prática pedagógica e a formação dos seus educandos e que precisa romper com a perspectiva homogeneizadora e adotar estratégias para assegurar os direitos de aprendizagem de todos, tais estratégias dependem das especificidades de cada um, da experiência e da criatividade e observação do professor com sensibilidade e acuidade.

Nesse sentido, acreditamos que quando a escola trabalha com um currículo que atende as singularidades dos alunos tudo torna-se mais viável para o crescimento cognitivo dos alunos e para a construção de uma escola democrática. E pensar em um currículo inclusivo que atenda as singularidades dos alunos, dando oportunidades para que estes desenvolvam a aprendizagem é tarefa de toda instituição educacional.

Uma condição para a prática inclusiva é contar com currículos amplos, flexíveis e abertos, que não considerem somente capacidades do tipo cognitivo, mas conteúdos e capacidades relacionadas com o social, com o afetivo-emocional.

#### **4 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

Aprender opera mudanças em nossa forma de pensar, agir e sentir. A aprendizagem significa que houve mudanças na mente, nas emoções e na vontade. (Howard Hendricks, 1991, p. 91)

A escola, como lugar privilegiado para a produção e aprendizagem da cultura, pode experimentar e criar novos modos de acesso e convivência com os saberes nas mais diferentes e diversos campos de experiência. A necessidade de transformação no

modo de conhecer, de aprender e de fazer exige mudanças tanto nos ambientes, nos espaços de aprendizagem e de reflexão, quanto na necessidade de novas atitudes, espírito coletivo, criatividade artística e pedagógica.

Nesse sentido, propomos nesse trabalho a reflexão acerca de práticas docentes baseadas na necessidade de se obter um processo de desenvolvimento cognitivo que seja dinâmico e desafiador às crianças com necessidades educativas especiais, a partir da inserção de atividades adaptadas para atendê-las.

Essa prática com as linguagens das Artes Visuais – pintura, fotografia e desenho, desenvolvida junto a este grupo nos possibilitou reflexões para realizar um trabalho que atenda e respeite as diferenças de cada um.

A proposta de trabalho apresentada entrelaça além do artístico e do respeito às concepções de criança e infância, a criação, a imaginação, a comunicação das crianças por meio da linguagem artística e, especificamente, as artes visuais, considerada também como uma das linguagens da infância, e, portanto, forma importante de expressão e comunicação humana na qual a criança faz uso de materiais comuns para expressar as suas imaginações e vivências.

A discussão aqui realizada reitera a convicção de que as experiências com as artes visuais, especificamente a pintura, fotografia e o desenho na Educação Infantil contribuem para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Desse modo, proporcionar o acesso à cultura de imagens na Educação Infantil por meio da inserção das vivências com artes visuais no cotidiano das crianças é propiciar uma utilização crítica e reflexiva das artes, garantindo ainda experiências significativas que promovam o desenvolvimento integral dessas crianças.

Na realização deste trabalho as professoras e bolsistas, enquanto mediadoras, recorreram a diversas estratégias de ensino e aprendizagem integrando recursos disponíveis e criando situações de aprendizagem que levassem a criança à construção de novos conhecimentos; além de possibilitar a construção de sua autonomia e independência, respeitando seu ritmo, incluindo a orientação às famílias o que dará aos educadores subsídios para trabalhar as necessidades da criança.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. F.. **Fotografia**: revelando uma prática educativa do olhar. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal - RN. Anais 2002 - II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal - RN: Editora Núcleo de Arte e Cultura - UFRN, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares de Bastos. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**- Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, 2008.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação Infantil**: saberes e práticas de inclusão: introdução. 4ª ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo: Editora Martins, 2010b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PILLAR, Analice Dutra. **Leitura e releitura**. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.), A educação do olhar no ensino das artes (p. 7- 17). 8ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **A presença da arte na educação infantil: olhares e intenções**, 2001. 190 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **Arte na educação da infância**: saberes e práticas da dimensão estética, 2013. 327 f. Tese (doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Glaucia Wesselovicz** - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

**Janaina Cazini** - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-364-4

